

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

( Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas ).

## 83. NOVO LIVRO DE DOM AMAURY

Antigo professor de nossa Universidade Católica e, por muitos anos, diretor de uma de suas mais importantes unidades, o campineiro Amaury Castanho é atualmente uma das mais expressivas figuras do episcopado brasileiro. De início bispo auxiliar de Sorocaba, encontra-se hoje à frente da diocese fluminense de Valença, onde vem realizando importante trabalho, não apenas pastoral, mas também social e cultural. Aliás, ao ser elevado às honras episcopais, Amaury Castanho apresentava já brilhante folha de serviços à sociedade e à cultura, particularmente ao jornalismo católico, pois durante, pelo menos cinco anos, teve a seu cargo a direção do Centro de Informações "Ecclesia", da Arquidiocese paulistana, bem como a direção do semanário **São Paulo**, por ele dinamizado e vivificado.

Profundamente interessado no problema dos Direitos Humanos ( aspirações ou realidade ? ), escreveu sobre o assunto um dos livros mais importantes da bibliografia brasileira pertinente ao importante e sempre atual tema. Foi elaborado no momento em que se comemorava o décimo aniversário da **Pacem in Terris** e o vigésimo quinto da promulgação, pela ONU, da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Por isto mesmo, é um livro "humano" em todo o sentido: partindo da afirmação do primado humano na criação, reflete, depois, sobre os direitos humanos na Escritura Sagrada e nas várias constituições do Brasil, para analisar, finalmente, as atitudes da Conferência Nacional dos Bispos e da Igreja no Brasil, na afirmação dos direitos humanos.

Todavia, o que provocou esta nota, não foi propriamente **Direitos Humanos**, do qual já me ocupei na devida ocasião, mas o aparecimento da segunda edição de sua **Iniciação à Leitura da Bíblia**, que vem de ser publicada no ano findo. Reconhece o autor que o fato de aparecer a segunda edição poucos meses depois de publicado o livro, revela acima de tudo que ele veio preencher um vazio na bibliografia

religiosa brasileira. Com seus conhecimentos não apenas de Teologia, mas igualmente de História Religiosa, pôde, Dom Amaury, elaborar uma obra de suma utilidade, que não deveria faltar em nenhum lar religioso, independentemente da confissão adotada.

Sem elocubrações eruditas que quase sempre dificultam a leitura de trabalhos dessa natureza, particularmente àqueles que não dispõem do necessário embasamento cultural, mas também sem pecar pela banalidade tão freqüente na literatura religiosa, o livro de Dom Amaury revela um autor que sabe tratar dos temas, divulgando-os sem diminuí-los. Enfim, o "vulgariser sans abaisser", lema de uma famosa coleção francesa e que bem poderá ser usado pelo antístite campineiro, ora pastoreando a diocese valenciana, na qual, como já se disse, realiza importante obra religiosa e social de que tenho conhecimento pelas páginas de **Comunidade Diocesana**, jornal daquela cidade que regularmente recebo. (9-3-1983.)

\*

#### 84. MAIS UMA REVISTA NA PUCCAMP

Escrevendo, não faz muito, neste mesmo local, sobre a nova revista **Letras** de nossa Universidade Católica, ponderei que, finalmente, a Universidade se conscientiza do interesse das revistas especializadas, se não por matérias, pelo menos por áreas. Apenas no início de uma entidade universitária se pode admitir o tipo de revista mista, como nossa própria Universidade manteve durante muito tempo. Felizmente desapareceu. Revistas dessa natureza representam desperdício. É bem verdade que, a princípio, não há fugir a essa modalidade, com a própria PUCCAMP o exemplifica. Mas, felizmente nossa Universidade superou essa fase. E almejava, ao terminar a nota, que outras revistas da natureza de **Letras** pudessem surgir, pois numerosas áreas existem em nossa organização universitária nas quais também se elaboram trabalhos de pesquisa e onde seus professores sentem necessidade de publicar.

Mal havia formulado tal desejo, eis que vim a tomar conhecimento de nova publicação da Puccamp, desta vez editada pelo Instituto de Artes e Comunicações, uma das dinâmicas dentre as numerosas unidades que constituem a organização universitária campineira. **Comunicarte** é o título feliz, que lhe foi dado. "Aberta às discussões científicas, diz o Magnífico Reitor na apresentação, será mais um canal para a veiculação do trabalho que se realiza no Instituto e em suas páginas haverá autocríticas, artigos e colaborações talvez com idéias divergentes, o que longe de ser contra-senso, revelará o espírito de liberdade e a abertura que imperam em toda a PUCCAMP".

E para a professora Regina Márcia Moura Tavares, digna Diretora do Instituto, **Comunicarte** não pretende ser veículo de produtos acabados, mas da procura permanente, construtora da vida, que não exclui a incerteza, a perplexidade diante da aparente correção dos dados. Veiculará notícias de pontos de interrogação que caminham numa busca semiconsciente de sentido para a Ordem e a Desordem que oscilam num equilíbrio de Beleza, num mundo onde as concepções são perceptíveis, pois que, constantemente, situações novas desafiam a parcial racionalidade humana”.

Com artigos sobre artes plásticas, jornalismo, comunicação em geral e turismo, reflete a nova revista a atividade multifacetada do Instituto que a edita, numa excelente apresentação gráfica e cômoda apresentação. Vem assim, **Comunicarte** juntar-se às outras cinco revistas já existentes em nossa Universidade Católica, contribuindo, mais uma vez, para incrementar o nome de Campinas na bibliografia brasileira. Longa vida e pleno êxito é o que me apraz desejar à nova publicação. ( 13-4-1983. )

\*

## 85. LIVRO QUE CAMPINAS MERECEIA

Tanto e tão bem já se escreveu sobre o livro de Celso Maria de Mello Pupo ( **Campinas um Município no Império** ), que poderá parecer redundância ou até impertinência vir agora dele me ocupar, talvez para repetir o que já foi dito com outras palavras. Mas — confesso — como cultor da história social, não me sentiria bem se dele também não me ocupasse. A professora Farjallat, em nota publicada neste mesmo local, caracterizou-o bem, ao lembrar que é um livro que “fala ao coração”. Mas, faltou dizer que, se isto acontece, é porque ele próprio foi escrito com o coração. Algum crítico mais exigente poderá apontar nele alguma falha de metodologia ou de exposição ( ou até do conteúdo ), que certamente não invalidará, nem sequer diminuirá em nada o mérito do exaustivo trabalho, que se apresenta como das mais belas realizações gráficas aparecidas nos últimos tempos.

Erraria, contudo, quem visse nesse livro apenas a apresentação material. Esta, por importante que seja, não deverá ofuscar a enorme tarefa de pesquisa a que se abalçou o autor ao estudar — pode dizer-se — o cotidiano campineiro do século passado. A evocação não vem sem propósito. Os familiarizados com a bibliografia histórica, especialmente no campo da história social e cultural, conhecem uma famosa coleção editada em França sob o título geral de **La vie quotidienne** ( “A vida cotidiana” ), com quase uma centena de volumes, em grande parte divulgados em nossa língua por uma editora de Lisboa. Pois bem: Celso Maria

de Mello Pupo elaborou um livro que, com pequeninas modificações em sua esturutura, poderia perfeitamente intitular-se: **A vida cotidiana em Campinas no tempo do Império** e, com toda a certeza, faria boa figura ao lado dos numerosos volumes que integram a renomada coleção francesa.

Não são muitos, na historiografia brasileira, os que se têm abalado à história do cotidiano. Os **salões de Damas do Segundo Reinado**, do saudoso Wanderley Pinho, permanece como marco referencial, sempre citado em nossa bibliografia. Certamente não será o único, mas é dos poucos. Embora muitos não a valorizem ( especialmente os que não vêm na história senão luta de classes ), a história do cotidiano é das mais difíceis, pois além de espírito de pesquisa, de critério no tratamento das fontes, do exame cuidadoso da documentação ilustrativa, de discernimento na apreciação dos valores ( para não cair nem no exagero, nem na vulgaridade ), exige requinte, bom-gosto, sensibilidade. E tudo isto Celso Maria de Mello Pupo demonstrou possuir. Eis por que seu livro se coloca acima de pequenas falhas que eventualmente possa apresentar. Não foi, por acaso, uma verdadeira história do cotidiano que Fustel de Coulanges realizou em seu grande livro, publicado há cento e vinte anos e que ainda se reedita ? ( 274-1983. ).

\*

## 86. O CLERO NA POLÍTICA IMPERIAL

Escrevendo, há pouco, neste mesmo local, sobre o Padre Café, ilustre e virtuoso sacerdote mineiro que ligou seu nome à cidade de Juiz de Fora, não só como vigário de sua Igreja Matriz de Santo Antônio ( a atual Catedral Metropolitana ), mas igualmente como fundador do mais importante jornal católico em circulação no País, lembrei que, no tempo do Império, foi muito raro o sacerdote que se limitasse apenas ao sacerdócio. Quase todos dividiram seus afazeres com a Imprensa e a Política, caminhos pelos quais julgavam que também podiam servir à causa da Igreja. Padres políticos tivemos-los sempre em nossa História, desde os tempos coloniais. Aparecerem na Inconfidência Mineira, na Revolução Pernambucana de 1817, no movimento da Independência, na Constituinte, na Confederação do Equador, na Regência, nas lutas políticas do Segundo Reinado, na propaganda republicana. E implantado o novo regime, apesar do laicismo de suas instituições, continuaram, embora com menor destaque, na sua participação. Um bispo presidiu à Constituinte Imperial, um padre foi regente do Império, outro vinculou seu nome ao pensamento político, figurando como uma das grandes cabeças pensantes que temos tido. Aparecem nos momentos de paz e nas revoluções.

Mas o Império, pela própria natureza e estrutura do sistema vigente, foi o campo ideal para as suas funções políticas, não apenas no Parlamento Imperial, mas igualmente nas assembleias provinciais. É a participação deste clero no Parlamento Imperial que ressalta de maneira rica e documentada nos cinco belos volumes ( **O Clero no Parlamento Brasileiro** ) que a Casa de Rui Barbosa editou em convênio com a Câmara dos Deputados.

Trata-se de pesquisa do mais alto interesse histórico, realizada pelo Centro João XXIII, no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento, sob a direção de Américo Jacobina Lacombe e coordenação do Padre Francisco Bastos de Ávila. A este eminente sacerdote, jesuíta coube justificar, na introdução, os motivos que levaram à longa pesquisa, como dupla e valiosa contribuição para a história do Parlamento e para a história da Igreja no Brasil, sobretudo no período em que o Catolicismo era religião de Estado e em que, por isso mesmo, os sacerdotes desempenhavam papel de maior proeminência na condução dos problemas políticos e legislativos. Excelente “síntese histórica” de Francisco de Assis Barbosa abre a coleção, doravante instrumento imprescindível para quem pretende trabalhar na história do Império e/ou da Igreja. Além da atuação pormenorizada de cada parlamentar eclesiástico, apresenta, ainda, a coleção transcrição dos trechos mais importantes de seus discursos ou pronunciamentos. ( 4-5-1983. )

\*

## 87. ITINERÁRIO DE UMA VIDA

Jornal de Porto Alegre trouxe-me a notícia do recente falecimento, na capital gaúcha, de uma das mais completas figuras de educadora que hei conhecido. Educadora e não apenas professora. De uma extraordinária consagração à causa que abraçou, deixou, talvez, a mais bela folha de serviços que uma mulher já prestou à sua comunidade religiosa, no caso a Igreja Metodista do Brasil. Dias antes, havia acabado de ler, pela segunda vez, seu edificante livro de memórias, **Itinerário de uma vida**. Pois foi este itinerário que chegou ao fim, após oitenta e seis anos bem vividos por Otília de Oliveira Chaves.

Quando fui para Juiz de Fora, há mais de cinqüenta anos, encontrei-a ao lado de seu esposo, o Rev. Derly Chaves, como professores do Granbery, o famoso e quase centenário, educandário metodista da grande cidade mineira. Embora não tivesse com o belo casal o convívio que desejaria, soube desde o primeiro dia apreciar a obra que realizavam no colégio, no seminário e na Igreja.

Neste meio século que me separa da fase juiz-forana de minha vida poucas oportunidades tive de reencontrar os Chaves. Três ou quatro se tanto. Mas poucas pessoas marcaram tanto minha vida como eles. Não pelo convívio, mas pelo exemplo. Depois de prestarem assinalados serviços ao Granbery, foram para o Rio Grande do Sul, donde, aliás, é natural o Rev. Derly, e ali continuaram a magnífica obra religiosa, educativa e humanitária que assinalou suas existências. Derly Chaves dedicou-se, também, à política, como deputado estadual e dirigiu por muitos anos o Museu Júlio de Castilhos, de Porto Alegre. Isto, sem falar em suas atividades eclesiais, para as quais contou sempre com a colaboração de sua admirável esposa, inclusive fora do País, pois Dona Otília representou o Brasil em numerosos congressos religiosos internacionais, contribuindo para que, pelo menos nas comunidades evangélicas, bem alto se elevasse o nome de nossa terra.

Passando, há pouco, despreocupadamente, por uma das ruas de Porto Alegre, nela deparei com um edifício que ostentava nome que tão de perto tocou o coração: "Lar Otília Chaves". Não sei de sua história, mas deve ter sido uma das últimas etapas de seu "Itinerário". Porque a última, ocorreu há poucos dias, com sua entrada na glória celestial a fim de receber o galardão prometido aos que perseguem a boa carreira e lutam o bom combate.

Aqui fica esta palavrinha de saúde de quem sempre a teve em seu coração apesar de tão poucas vezes a ter visto, mas cuja obra acompanhou com o maior carinho. Longa e abençoada vida de um dos seres humanos mais completos que me foi dado conhecer em minha também longa e abençoada existência. ( 11-5-1983 ).

#### 88. O VALIOSO DEPOIMENTO SOBRE A INVASÃO PARAGUAIA NO BRASIL

A Universidade de Caxias, no Rio Grande do Sul, em convênio com o Instituto Estadual do Livro e com a Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, de Porto Alegre, realizou há pouco notável empreendimento editorial, pondo ao alcance dos interessados um dos clássicos da literatura militar brasileira: a *Invasão Paraguaia na Fronteira Brasileira do Uruguai*, do cônego João Pedro Gay, obra editada pela primeira vez em 1867 pela Tipografia de J. Villeneuve, do Rio de Janeiro, tendo sido, antes, divulgada em capítulos pelo "Jornal do Comércio". Essa narrativa tem sido utilizada por todos os estudiosos e historiadores da Guerra do Paraguai, nacionais e estrangeiros. É fonte preciosa, sobretudo por provir de testemunha ocular da invasão de Estigarribia, com a conseqüente rendição de Uruguai, episódio de que já ocupei neste local, a propósito do livro do Conde d'Eu.

A obra do Cônego Gay mereceu reedição nas páginas da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, de 1921 a 1923, e vinte e cinco anos mais tarde o Coronel Sousa Docca, ilustre historiador militar, preparou uma nova edição, acrescentando-lhe diversos capítulos que correspondem a novo livro. Creio que esta edição Sousa Docca, que deveria ser publicada por Zélio Valverde, não chegou a sair. Mas foi integralmente aproveitada para a edição da Universidade de Caxias, que motivou esta nota.

José Honório Rodrigues e Abeillard Barreto referem-se a um novo texto da **Invasão Paraguáia**, revisto e acrescido pelo próprio autor e que permanece inédito no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Abeillard Barreto chega a afirmar que Sousa Docca não teve oportunidade de conhecer este texto revisto.

Sacerdote francês, naturalizado brasileiro, João Pedro Gay nasceu em 1815 e ordenou-se em 1840. Destinado a Montevidéu, onde chegou em 1842, logo no ano seguinte vinha para o Brasil, donde nunca mais saiu, vivendo no Rio Grande do Sul como vigário em Alegrete, São Borja e Uruguaiana, onde faleceu aos 10 de maio de 1891. Além da **Invasão Paraguáia**, deixou uma **História da República Jesuítica do Paraguai** (aliás, sua obra mais importante) e diversos outros escritos sobre a província gaúcha. Quando da invasão paraguáia em São Borja, o padre Gay teve sua propriedade saqueada e perdida toda a sua valiosa biblioteca e coleção de manuscritos. Refez pacientemente quase tudo quanto escrevera, podendo publicar as importantes obras que legou à posterioridade. Faz-se mister uma reedição da **História da República Jesuítica**, pois a única que se fez (1942) é hoje extremamente rara. (8-6-1983)

\*

## 89. A PROPÓSITO DE HISTÓRIA IBÉRICA

Durante muito tempo, existiu nos cursos de História dos institutos universitários brasileiros, a cadeira de História Ibérica. Ministrada no primeiro ano, servia de introdução ao estudo da História do Brasil e da América, que começava (aliás, ainda começa) no segundo ano. Sempre deu os melhores resultados, fornecendo aos estudantes razoável conhecimento da herança ibérica, que lhes permitia compreender melhor certos aspectos da evolução histórica das terras que os ibéricos descobriram, povoaram e colonizaram.

Infelizmente, a reforma de 1972, que minimizou consideravelmente o ensino da História e da Geografia em nossos cursos superiores, eliminou a História Ibérica do currículo obrigatório, embora alguns institutos universitários continuem mantendo a referida cadeira. A solução

que se encontrou, nas escolas em que ela foi extinta, foi dedicar alguns tópicos dos programas de História da América e História do Brasil a uma breve "introdução ibérica" que possa servir de embasamento aos estudos posteriores. Mas, posso afirmar que nem sempre isto ocorre, especialmente nos cursos noturnos, nos quais o número de aulas, necessariamente é sensivelmente reduzido e onde o tempo de que dispõe o estudante para freqüência a biblioteca é também reduzido, sem oportunidade a que ele possa expandir-se além do que é estritamente obrigatório.

Uma das dificuldades que o ensino de História Ibérica apresentava — e isto há que reconhecer-se — era a falta de livros especializados em nosso País. Tinha-se de recorrer a Portugal e Espanha, cujos livros, importados que eram, saíam, para os nossos estudantes e mesmo professores, por preços proibitivos. Quantos cursos de História terão em suas bibliotecas as clássicas obras de Vives ou Ballesteros, ou mesmo Domingos Afonso, Damião Peres ou Oliveira Martins ?

Esta rememoração dos bons tempos em que regia a cadeira de História Ibérica em nossa Universidade Católica, veio-me a propósito do recente livro do Dr. Jorge Antônio José, conhecido causídico em Campinas e em Serra Negra e, atualmente, integrante do legislativo campineiro. Narrando suas andanças por Portugal, dedicou todo o volume ao embasamento histórico da velha Península, numa esplêndida lição daquilo que, para mim, é o ponto central de toda a História Ibérica: mostrar a Península como área de superposição de culturas. Confesso mesmo: lecionasse ainda História Ibérica, poria seu livro nas mãos de todos os meus alunos. ( 22-6-1983. )

\*

## 90. RODRIGUES ALVES E AS FERROVIAS

Ao assumir a presidência do Estado de São Paulo para o período de 1900 a 1904 ( quadriênio que não chegou a completar por ter sido eleito para a presidência da República ), escreveu o Conselheiro Rodrigues Alves, em sua primeira mensagem, que a prosperidade do País dependia, antes de tudo, do desenvolvimento de nossa viação férrea e que seria a imigração de trabalhadores o mais seguro elemento para alcançá-la. E quanto aos transportes, referia-se particularmente a um plano então existente, que deveria interessar tanto à União quanto ao Estado, constituindo objeto das mais sérias preocupações dos poderes públicos: era a ligação por ferrovia de nosso Estado com os do Sul, por um lado, com os de Mato Grosso e Goiás, por outro, fazendo de São Paulo o centro de convergência da produção desses grandes territórios.

Rodrigues Alves fazia coro com os últimos presidentes paulistas do período imperial no seu entusiasmo pelas ferrovias. Originário do

Vale do Paraíba, sua família, embora sem desenraizar-se de Guaratinguetá, deslocou seus interesses agrícolas para a fértil zona então servida pela **Sorocabana** e pela **Paulista** ( Lençóis, Agudos, Piratininga... ) e nas palavras de sua mensagem dificilmente se pode separar o estadista do fazendeiro, um fazendeiro que, ao contrário dos demais do Vale do Paraíba, confiava na imigração e acreditava na estrada de ferro. Ao seu tempo, Agudos ( na **Sorocabana** ), Jaú e Jaboaticabal ( na **Paulista** ) e Orlândia ( na **Mojiana** ) eram os pontos extremos alcançados pelas ferrovias na conquista do interior. Fora desse balisamento, apenas alguns núcleos de povoamento em pleno sertão, como que à espera dos trilhos que, de fato, não demorariam a chegar.

Enquanto que a **Sorocabana** não passou de Bauru, a **Paulista** procurou captar, através de eficiente sistema de colonização, a extensa área no espigão entre o Peixe e o Aguapeí, e que veio a ser conhecida por **Alta Paulista**. O primeiro passo para este empreendimento foi o estabelecimento de uma povoação próxima a Agudos e Bauru, e que se denominou **Piratininga**, nome sugerido pelo engenheiro Adolfo Pinto, então um dos diretores da grande empresa ferroviária. Adolfo Pinto obteve do maior fazendeiro da região — o coronel Virgílio Rodrigues Alves, irmão do presidente da República e mais um exemplo de agricultor que se deslocou do Vale do Paraíba para a zona central do Estado — a doação da gleba necessária à fundação do povoado, bem como que a **Paulista** mandasse ali proceder aos necessários arruamentos e loteamentos. Em poucos anos a povoação estava formada, com centenas de casas e constituída em sede de município, desmembrado do de Agudos. E por muitos anos a pequenina Piratininga ostentou em sua rua principal o nome de **Coronel Virgílio**, o Rodrigues Alves que praticamente fundou a cidade.

Os fados não favoreceram a pequena Piratininga: outras cidades, fundadas mais adiante, suplantaram-na e, por outro lado, a proximidade de uma grande cidade como Bauru prejudicou-lhe o desenvolvimento. E como se não bastasse, a cidade que nasceu em função da ferrovia e foi praticamente criada por uma ferrovia, acabou ficando sem ela, deixando de ser servida por estrada de ferro em virtude de retificação do traçado da antiga **Paulista** ( 27-7-1983 ).

\*

\* \*

CAD - CENTRO DE APOIO DIDÁTICO  
DA FAU - PUCC

DOAÇÃO  
RECEBIDO: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_